

“Sempre fui, sou e serei um moderado”

“É edificar a Nova República, missão que estou recebendo do povo e se transformará em realidade pela força não apenas de um político, mas de todos os cidadãos brasileiros”, afirmou Tancredo Neves, em 15 de novembro do ano passado, em Vitória, ao “conclamar e conchamar os cidadãos à tarefa de construirmos juntos a Nova República”. O então candidato à Presidência completou: “A República Brasileira, nós a queremos descentralizada, em atribuições e recursos, na forma das práticas do federalismo que distribui tarefas ao Poder Central, aos Estados, às Regiões Metropolitanas e aos Municípios”.

No discurso na primeira reunião ministerial, lido pelo presidente José Sarney, em 17 de março deste ano, o presidente eleito Tancredo Neves “conclamou o povo brasileiro a continuar a prestar-lhe seu apoio nessa difícil missão”. E acrescentou: “Que cada cidadão oriente suas ações no sentido de atingirmos, na paz social e na concórdia, os altos objetivos que juntamente nós fi-

xamos em praça pública, ao longo de nossa memorável campanha cívica pela democracia. Que cada brasileiro, enfim, dê o melhor de si no exercício da responsabilidade intransferível de, com seu esforço consciente, plasmar para si e para seus filhos o futuro deste país”.

“Se todos quisermos, diziamos há quase 200 anos Tiradentes, aquele herói enlouquecido de esperança, poderemos fazer deste país uma grande Nação. Vamos fazê-la” — afirmou Tancredo Neves, dois meses antes, após a vitória no colégio eleitoral e anunciou: “Venho para realizar urgentes e corajosas mudanças políticas, sociais e econômicas indispensáveis ao bem-estar do povo”.

Fazer do Brasil uma grande Nação, uma terra de Liberdade e Justiça — o objetivo de Tancredo de Almeida Neves, como político, como homem. “Eu não luto pelo poder”, disse em dezembro de 1984. “Estamos lutando para realizar uma obra de reconstrução democrática, permanente, dura-

doura, para o nosso país.” No começo da praça da Sé, em 7 de dezembro último, Tancredo dava a palavra de ordem de seu governo: “Basta de recessão, basta de desemprego, basta de arrocho salarial”. E, diante da multidão, acrescentou: “Este povo que está aqui está alegre porque tem esperança. Não murche essa esperança, não acabe com essa alegria”.

Uma semana depois, no começo de Aracaju, garantiu: “Nunca, jamais, faltaremos aos compromissos que estamos assumindo em praça pública com o povo da minha terra”. E reafirmava, em entrevista coletiva, em 21 de dezembro: “O meu compromisso é, tanto quanto possível, minorar as aflições do povo”. Povo, palavra e preocupação constante na carreira de Tancredo Neves.

“O nosso povo tem tudo para se transformar, a partir de 85, num grande povo. Temos tudo para realizar um grande destino de Nação. Nosso povo possui os melhores tributos de inteligência, de coração e de bondade. A

Nação está preparada e com uma infra-estrutura excepcional, para darmos um grande salto rumo ao progresso”, disse em sua mensagem de fim de ano, de improviso, em dezembro de 1984.

Em entrevista a *O Estado*, também em agosto do ano passado, o então candidato à Presidência da República prometeu: “Serei um presidente voltado para o futuro, para o atendimento de todas as grandes reivindicações nacionais, das mais legítimas reivindicações do povo.”

Um auto-retrato: “Sempre fui sou e serei um moderado. A moderação participa da minha personalidade. Há anos, luto para que este País tenha um ambiente de respeito, compreensão e concórdia. Neste ponto, sigo o exemplo das grandes figuras de Minas, que lutaram tradicionalmente pela instauração no Brasil de uma atmosfera de harmonia”. Primeira frase de seu discurso de posse no governo de Minas, em 15 de março de 1983: “Mineiros, o primeiro compromisso de Minas é com a Liberdade”.

Quando governador de Minas Gerais, Tancredo Neves acordava às 6 horas, tomava banho frio e um reforçado café da manhã, do qual não podiam faltar o tradicional queijo mineiro e frutas. Antes de ir para o Palácio da Liberdade, fazia várias ligações para Brasília, São Paulo e Rio, quando ficava sabendo de suas fontes sobre os principais acontecimentos nacionais. Depois recebia secretários e auxiliares diretos para tratar de assuntos urgentes. No Palácio, atendia de 50 a 60 pessoas por dia. Na época de comícios, viagens e inaugurações, dormia às vezes apenas cinco horas por dia. Durante a campanha à Presidência chegou a despachar com até 150 pessoas diariamente. À noite, saía para compromissos sociais e políticos. Uma rotina que não abatia o homem de quase 75 anos.

“Um homem cordial, amigo e muito compreensivo. Não gera problemas em nosso convívio. Encontra sempre uma maneira de transigir para não atritar.”

Palavras de dona Risoleta Tolentino Neves, companheira em todos os momentos de sua carreira. Aliás, evitar conflitos sempre foi a tônica de Tancredo Neves. Em 1937, padrinho de batismo de um menino no interior de Minas, o recém-formado em Direito sugeriu a colocação do nome de José, antes de Roosevelt, para o juiz de paz aceitar o registro com um nome estrangeiro. Pai, padrinho e juiz ficaram satisfeitos.

“Eu sempre fui muito discursador. Todos sempre me requisitavam como discursador. E, de tanto decorar discurso, eu acabei fazendo discurso, com pretexto, sem pretexto, em qualquer oportunidade”, disse Tancredo Neves, em agosto de 1982. De fato, ele, que fez seu primeiro discurso aos 12 anos, nas comemorações de sua escola pelo centenário da Independência, em 1922, em São João del Rey, viria a marcar sua vida por pronunciamentos onde sempre fazia sobressair sua formação humanista e a perspicácia do político mineiro.